

Nova
Ocupação
Itaú Cultural
celebra
a liberdade
criativa
e a potência
cênica de
HELENA
IGNEZ

Exposição coloca a artista no centro da narrativa, destacando sua trajetória no teatro e no cinema por meio de materiais raros, filmes restaurados e programação especial.

Aos 87 anos, Helena Ignez torna-se a primeira cineasta homenageada pela série Ocupação e segue em plena atividade, entre filmagens, direção e palcos

Bastidores de *Des-criação*, curta-metragem em finalização, produzido pela Itaú Cultural Play e com direção de Helena Ignez e André Guerreiro Lopes

Foto: Jéssica Mangaba



Quando ingressou na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1956, Helena Ignez dava início a uma trajetória que marcaria algumas das transformações mais importantes do teatro e do cinema brasileiros. Nascida em Salvador, em 1939, consolidou-se como uma das artistas mais inventivas e livres de sua geração, ao construir uma carreira marcada pela experimentação estética, pela ruptura de convenções e pela defesa da liberdade artística.

Essa trajetória é revisitada na *Ocupação Helena Ignez*, nova mostra do Itaú Cultural, que mergulha em mais de seis décadas de produção da atriz, cineasta e diretora. Primeira realizadora do cinema a receber uma Ocupação, Helena é apresentada não apenas como protagonista da história do moderno cinema brasileiro, mas como uma artista em constante reinvenção, cuja produção permanece intensa.

Como nas demais exposições do programa, a mostra abandona a narrativa cronológica para privilegiar um

percurso em primeira pessoa. A voz de Helena conduz o visitante ao longo de sua prática artística, seu pensamento e seu corpo em cena, articulando teatro, cinema, direção, formação e experiências políticas, espirituais e afetivas.

"Helena atravessa a história do cinema e do teatro modernos no Brasil, passando pelos períodos centrais do Cinema Novo, da Belair e da experimentação radical", observa André Furtado, gerente de Criação e Plataformas do Itaú Cultural. "Ela é uma pessoa em constante reinvenção e, aos 87 anos, segue nessa trilha, firme e altamente criativa."

Com concepção, realização e curadoria do Itaú Cultural, consultoria da atriz Djin Sganzerla e projeto expográfico de Renata Mota e equipe do instituto, a exposição parte da ideia da "antimusa" para deslocar o olhar da imagem icônica de Helena e destacar sua potência criativa. Fotografias, documentos, vídeos, instalações, materiais inéditos e registros históricos revelam uma

Helena Ignez, como *Ângela Carne e Osso* em *A Mulher de Todos*, de Rogério Sganzerla, 1969

Foto: Acervo Mercúrio Produções



Helena Ignez, como *Mariá* em *O Grito da Terra*, dirigido e roteirizado por Olney São Paulo, 1964

Foto: Acervo Cinemateca Brasileira





Helena Ignez, intérprete de *Sônia Silk*, em *Copacabana Mon Amour*, de Rogério Sganzerla, 1970

Foto: Acervo Cinemateca Brasileira

artista que sempre desafiou convenções estéticas e comportamentais.

Um dos núcleos enfatiza sua trajetória no teatro, ainda pouco conhecida do grande público. Fotografias, programas de espetáculos, críticas – entre elas uma assinada por Nelson Rodrigues – e documentos de processos criativos revelam a importância do palco em sua formação. A mostra também evidencia a continuidade dessa atuação: recentemente, Helena integrou o elenco de *Fim de Partida*, de Samuel Beckett, dirigida por Rodrigo Portella, ao lado de Marco Nanini, Guilherme Weber e Ary França. Como cineasta, seu trabalho mais recente é o longa *A Alegria é a Prova dos Nove* (2023).

O percurso expositivo começa com uma instalação imersiva, em que a própria artista recebe o público em áudio enquanto projeções de cenas marcantes evidenciam o corpo como linguagem e a atuação como gesto político. Em seguida, um núcleo dedicado à ideia da antímusa reúne manchetes, fotografias e registros audiovisuais que mostram como Helena subverteu padrões femininos no cinema brasileiro.

Nesse contexto, *A Mulher de Todos* (1969), de Rogério Sganzerla, ocupa posição central. A personagem *Ângela Carne e Osso* tornou-se um dos papéis mais emblemáticos da atriz, ao romper estereótipos de gênero em plena ditadura militar.

Outro destaque é o núcleo dedicado à produtora *Belair*, criada em 1970 por Helena Ignez, Rogério Sganzerla e Júlio Bressane. Em poucos meses, o grupo realizou seis longas-metragens que se tornariam referências do cinema experimental brasileiro, interrompidos pela repressão e pelo exílio de seus integrantes. Fotografias, filmes, trilhas sonoras, documentos e um manifesto de Helena contra a censura ajudam a reconstruir esse período.

A exposição também evidencia o trabalho de preservação realizado em parceria com a Cinemateca Brasileira, responsável pela digitalização de títulos fundamentais da filmografia da atriz e pela produção de uma nova cópia digital de *O Grito da Terra* (1964), de Olney São Paulo, rara obra do período pré-Cinema Novo.



Helena Ignez no papel de *Janete*, e Paulo Vilça, como *João Acácio*, em *O Bandido da Luz Vermelha*, de Rogério Sganzerla, 1968 Foto: Acervo Cinemateca Brasileira

Entre as ações inéditas está a finalização de *América do Sol* (2000–2026), de Léo Duarte, que retoma a personagem *Sônia Silk*, vivida por Helena em *Copacabana Mon Amour*, mais de cinco décadas depois. O longa será disponibilizado na plataforma gratuita Itaú Cultural Play.

A faceta de Helena como diretora também ganha espaço, com roteiros, cadernos de criação e registros de bastidores de filmes como *Luz nas Trevas – A Volta do Bandido da Luz Vermelha*, *Fakir* e *A Alegria é a Prova dos Nove*. Um grande mural fotográfico reúne ainda imagens de parcerias marcantes com nomes como Rogério Sganzerla, Antônio Pitanga, Jean-Claude Bernardet, Zé Celso Martinez Corrêa, Maria Gladys, Ney Matogrosso e Jô Soares.

A programação se estende para além da exposição. A Itaú Cultural Play apresenta uma retrospectiva gratuita com 22 filmes dirigidos ou estrelados por Helena Ignez, enquanto Salvador e São Paulo recebem sessões pre-



Helena Ignez em *Antes do Fim*, 2017, de Cristiano Burlan Foto: Acervo Cristiano Burlan

senciais. Em outubro, o Itaú Cultural apresenta uma remontagem de *Savannah Bay*, de Marguerite Duras, dirigida por André Guerreiro Lopes e estrelada por Helena.

A Ocupação também impulsiona novas criações. Com produção da Itaú Cultural Play, Helena dirige, ao lado de André Guerreiro Lopes, o curta inédito *Des-criação*, obra híbrida entre cinema e videoarte que investiga memória, imaginação, tempo e criação artística. Previsto para circular por festivais antes de chegar à plataforma do instituto, o filme reafirma que, aos 87 anos, Helena Ignez segue fazendo da reinvenção a marca permanente de sua trajetória.

SERVIÇO

Ocupação Helena Ignez

Até 18 de setembro

Itaú Cultural – Piso 2

Avenida Paulista, 149, próximo à estação Brigadeiro do metrô, São Paulo / SP

Dias/Horários: terça a sábado, das 11h às 20h; domingos e feriados, das 11h às 19h

Espaços acessíveis | Entrada gratuita